

# Sarney faz crítica aos civis e elogia militares

Evandro Teixeira

Num discurso em tom veemente, a bordo do navio-escola Brasil, fundeado na Baía de Guanabara, o presidente José Sarney disse que "as forças civis responsáveis pela transição democrática se dividem, fracionam-se" e elogiou as Forças Armadas, por sua "conduta impecável de unidade, coesão, compreensão, sacrifício, imune às provocações e dedicada aos afazeres constitucionais". Enquanto vê as forças civis "num processo de autofagia que enfraquece as instituições e joga sobre a nação perplexidade e indagação", o presidente realçou a tarefa das Forças Armadas "dando suporte à transição, vigilantes na defesa da ordem e da paz, sem a qual nada se pode construir".

Dirigindo-se aos 180 guardas-marinha que zarpariam pouco depois numa viagem por 21 países, Sarney usou de linguagem poética para falar de política ("O mar é como a vida"), explorou metáforas e alegorias ("Felizes daqueles que chegam a bom porto") e fez "um chamamento à razão, ao diálogo e à construção da pátria", afirmando que "a democracia não é fácil — mais que um sistema de governo, é um estado de consciência". Ele terminou o discurso com uma frase do almirante Barroso, herói da Batalha do Riachuelo, em quem confessou inspirar-se em seus "momentos de dificuldade": "Sustentar o fogo, que a vitória será nossa".

**Interdição** — O presidente desembarcou na Base Aérea do Galeão às 10h30min, acompanhado de dona Marli, do ministro-chefe do Gabinete Militar, general Bayma Denys, e do ministro das Relações Exteriores, Abreu Sodré. Com a Avenida Brasil interditada desde a Ilha do Governador, no sentido do Centro da cidade, a comitiva chegou em 15 minutos à Base Naval de Mocangüê. Ao longo da avenida, a Polícia Militar fechava as passarelas, impedindo a passagem de pedestres enquanto durou o cortejo.

O presidente passou quatro horas e dez minutos no Rio sem pisar a não ser em área militar. Sarney já visitou a cidade quatro vezes em 1988, mas três vezes esteve apenas em estabelecimentos militares: no início do ano, compareceu à formatura dos guardas-marinha; no dia 8 de março, veio de Brasília apenas para a cerimônia *Parada do Pôr do Sol* quando os fuzileiros navais comemoraram 180 anos; e ontem assistiu à despedida dos mesmos guardas-marinha que havia cumprimentado na Escola Naval.

No dia 24 de fevereiro, o presidente percorreu as áreas devastadas pelas enchentes num helicóptero da FAB e, sem sujar os sapatos, voltou para Brasília. Uma quinta vez ele teria que vir ao Rio, como convidado de um acontecimento muito especial: em janeiro, para ser padrinho de casamento de Anelise, filha de seu amigo, o senador Álvaro Pacheco (PFL-PI). Mas, ainda sob o impacto das agressões do Paço Imperial, quando um grupo de manifestantes atingiu o ônibus presidencial com pedradas, em junho do ano passado, Sarney evitou se expor e não compareceu ao casamento.

**Navegando** — Ao saltar da lancha *Gaivota* — e sem alcançar o tapete vermelho que havia sido estendido na *plataforma de descida* —, o presidente, junto com o governador Moreira Franco e a primeira dama do estado, dona Celina, foi recebido com uma salva de 21 tiros. Cumprimentou os oficiais, entre eles o capitão-tenente Rodolfo Sabóia, filho do ministro da Marinha, Henrique Sabóia, enquanto dona Marly e dona Celina visitavam o navio-escola, construí-



O retrato a lápis foi um dos presentes dados a Sarney

do no Arsenal de Marinha do Rio e dotado de sofisticados equipamentos de treinamento de guerra. O cabo João Paulo Pereira Bueno entregou ao presidente um retrato desenhado a lápis.

Depois do almoço a bordo — a comitiva presidencial comeu salada de frutos do mar com verduras e carne com purê de espinafre como pratos principais —, Sarney iniciou seu discurso no convés do navio, próprio para pouso de helicópteros. Tendo ao fundo o contra-torpedeiro *Sergipe* o navio de transporte de tropa *Soares Dutra* e o submarino *Tonelerá* em formação de homenagem ao Chefe de Estado, o presidente falou de Tamandaré e citou Emerson ("As nações mais avançadas são as que mais navegam").

Ao ressaltar que o Brasil tem 7 mil 400 quilômetros de fronteiras marítimas e

3 milhões de quilômetros de território marítimo, disse que "o futuro está no mar". Sarney referiu-se aos "navegadores de Sagres" repetindo o verso de Fernando Pessoa — "Navegar é preciso" — que o presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, usou num discurso em 1973, quando se lançou como anti-candidato à presidência da República. Naquela ocasião, Ulysses criticava "os que sussuram as excelências do imobilismo e a invencibilidade do *establishment* conjuram que é hora de ficar e não de aventurar". Na época, Sarney era senador da Arena, partido de sustentação política do regime militar. A frase, que virou marca da anti-candidatura de Ulysses à presidência da República, foi incluída no discurso por sugestão do à época secretário geral do MDB, Thales Ramalho. Por coincidência, ele é desde segunda-feira assessor político de Sarney.

## Sabóia quer paz antes de eleição

O ministro da Marinha, almirante Henrique Sabóia, disse ontem, no navio-escola Brasil, que "em tempo de mar grosso, é preciso ter uma tripulação competente, capaz de conduzir a nau a porto seguro, a despeito das condições do barco". Interpretando o discurso do presidente José Sarney aos 180 guardas-marinha que embarcaram para uma viagem de sete meses, o ministro conclamou os brasileiros a trabalhar "pela meta de tranquilidade democrática", afirmando que "em momento de dificuldade não existe espectador nem passageiro".

Sabóia expressou sua "profunda preocupação com a Constituição, que não pode ser uma Constituição de grupos" e acrescentou que "a nação precisa de paz antes de pensar em eleições". Segundo o ministro, "o importante não é o simples ato de fazer uma eleição, mas ter-se uma eleição que dê como resultado uma resposta às aspirações da sociedade brasileira". E finalizou dizendo que "estas aspirações deveriam ser medidas pelos constituintes, que foram eleitos para captá-las, e não pelos anseios dos exaltados".

## Autorização para viagem é adiada

A ausência de um senador em plenário impediu que o Senado aprovasse projeto de decreto legislativo permitindo ao presidente da República ausentar-se do país entre 1º de março de 1988 e 28 de fevereiro de 1989. O quórum exigido para votação é de 37 parlamentares e só havia 36 em plenário, dois dos quais votaram contra o pedido de licença. O presidente quer uma licença genérica, que lhe permita viajar até fevereiro do próximo ano para Angola, Bolívia, Índia, China e União Soviética. O senador Luís Vianna Filho (PMDB-BA) fez ironia — "O presidente terá pouco tempo para ficar no Brasil" — e sugeriu que o plenário não aprovasse o decreto legislativo com as datas pretendidas: "É preferível dizermos que ele pode viajar em 1988 ou, então, enquanto durar o mandato de Sua Excelência, porque este mandato vai ser objeto de apreciação pela Constituinte e não sei até quando irá".

## Políticos reagem com elogios à democracia

BRASÍLIA — O presidente nacional do PDS, senador Jarbas Passarinho (PA), aproveitou o fato de o presidente José Sarney ter citado o almirante Barroso, ao discursar no Rio, para lhe responder com outra frase daquele militar, minutos antes de dar início à Batalha do Riachuelo, na Guerra do Paraguai: "O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever".

Para o senador, na democracia se admitem as crises. "Fazer delas um impasse é exagero. A democracia é, cima de tudo, um regime em permanente mutação. Quem diz isso não sou eu, são os grandes mestres da filosofia política".

Já o senador Fernando Henrique Cardoso (SP), líder do PMDB no Senado, criticou Sarney por este ter discriminado militares e civis: "Como presidente de um país, acho que Sarney tem de valorizar todo mundo". E acrescentou: "Aqui na Constituinte não há crise. As votações têm de 70 a 80% para um lado. Aqui há negociação. Se há dificuldades, isso deve ser com o governo, que não consegue debelar a crise, apurar a corrupção".

Fernando Henrique disse que lamenta não ter o presidente da República participado mais da Constituinte. "Ele ficou apenas preocupado com problemas pessoais, relativos ao mandato e ao sistema de governo. Deveria ter opinado nas questões relativas à educação, à previdência, aos aposentados. Mas não o fez".

O presidente nacional do PFL, senador Marco Maciel (PE), afirmou: "A idéia que tenho é de que a democracia dá trabalho. Isso é a prova de que é a melhor opção e o melhor regime político. As grandes conquistas nunca são fáceis". Defendeu o direito de o presidente da República se manifestar, e acrescentou que respeita a opinião dele.



Passarinho



F. Henrique